

Entre o anonimato e o sucesso: um estudo do reconhecimento através da personagem Maria Rubinstein em Fama, de Daniel Kehlmann

SCHÖNINGER, Carla Luciane Klos / Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Instituto Federal Farroupilha (IFFar) – carla.luciane@yahoo.com.br

Doutoranda em Letras: teoria, crítica e comparatismo (UFRGS) e Docente (IFFar)

» *Palabras-chave: Fama- Daniel Kehlmann – Reconhecimento.*

» **Resumo**

» O presente texto trata da obra *Fama*: um romance em nove histórias, do escritor alemão Daniel Kehlmann, e é parte de minha pesquisa no curso de doutorado em Letras na UFRGS. O romance configura-se em várias histórias que se entrelaçam. Nesse, enfatiza-se a personagem Maria Rubinstein, uma escritora que viaja ao oriente para participar de conferências no lugar do escritor Leo Richter. Uma série de mal-entendidos resulta no anonimato dela. No início não a reconhecem como escritora, nem como cidadã alemã. Com o passar do tempo, a própria Maria não mais se reconhece. Isso desencadeou um estudo sobre o reconhecimento. Dentre os pressupostos teóricos, estuda-se Ricoeur (2006), tratando do percurso do reconhecimento, Honneth (2009), sublinhando a luta por reconhecimento. No decorrer da análise, é possível observar o quanto as relações humanas são frágeis, e que o anonimato e o sucesso são condições efêmeras. Assim sendo, a exemplo da personagem Maria Rubinstein, percebe-se que a luta pelo reconhecimento é uma força moral do indivíduo e esse percurso envolve o reconhecer-se a si e o relacionamento intersubjetivo.

» **Introdução**

Fama: um romance em nove histórias, de Daniel Kehlmann é estruturado de forma peculiar, sendo que os nove capítulos tratam de distintas narrativas, mas que, no transcorrer de seus enredos, configuram o romance. O enfoque para esta análise está em uma das personagens: a escritora Maria Rubinstein, a qual viaja a outro continente em busca de maior reconhecimento nas relações profissionais. Objetiva-se, portanto, analisar como ocorre a luta pelo reconhecimento nas relações cotidianas profissionais e pessoais da personagem a partir das perspectivas de Honneth (2009) e Ricoeur (2006) e quais as consequências do deslocamento nesse processo.

› ***Fama: um romance em nove histórias***

O romance *Fama: um romance em nove histórias* foi traduzido para o português em 2011 e possui o título original *Ruhm: ein Roman in neun Geschichten*, lançado na Alemanha em 2009. O romance divide-se em nove narrativas, que parecem ser configuradas de modo isolado, no entanto, de alguma forma relações entre elas e seus personagens são estabelecidas. Os títulos são: Vozes, Em perigo, Rosalie viaja para morrer, A saída, Oriente, Resposta à abadessa, Uma contribuição ao debate, De como menti e morri e Em perigo. Todas as narrativas correm por seus canais, mas no fluir das águas, essas se bifurcam e se misturam. Os espaços são dispersos, entre países da Europa, da Ásia Central, da África e da América do Sul.

No segundo capítulo do texto literário, o personagem: escritor Leo Richter trata de uma composição romanesca, dizendo: “Um romance sem personagem principal! Entende? A composição, as conexões, o arco narrativo, mas sem protagonista, sem um herói que apareça em todas as situações” (Kehlmann, 2011: 20). Evidencia-se então que há um tratamento do personagem sobre a constituição da própria obra em estudo: *Fama*, momento em que o escritor supostamente demonstra suas angústias, anseios, expectativas e ideias diante da produção de um romance. O que evidencia um forte componente metaficcional.

Esse desabafo ocorre durante o voo do escritor para Berlim, lugar em que fará uma palestra. Leo Richter era conhecido como

[...] o autor de narrativas intrincadas, cheias de reviravoltas e jogos espetaculares. De um virtuosismo ligeiramente estéril. Não fazia muito tempo, ela (Elisabeth) lera suas novelas sobre a médica Lara Gaspard, e naturalmente ela conhecia seu conto mais famoso, sobre uma velha senhora em sua viagem até o centro de suicídio assistido na Suíça (Kehlmann, 2011: 23).

O romance *Fama* inicia com a narrativa “Vozes”, em que o personagem Ebling demonstra no seu dia-a-dia certa resistência em fazer uso de novas tecnologias, mas por tornar-se algo necessário na atividade profissional ele acaba adquirindo um celular. “Antes de Ebling chegar em casa, seu celular tocou. Durante anos, ele se recusara a comprar um, afinal ele era um técnico e não confiava naquela geringonça” (Kehlmann, 2011: 7).

Ao pensar nos avanços tecnológicos, até mesmo perdia o sono: “À noite, semiadormecido em sua cama, essa ideia o inquietava- todos os aviões, as armas guiadas eletronicamente, os computadores nos bancos-, às vezes, tanto que chegava a sentir palpitações.” (Kehlmann, 2011: 9) Há então a demonstração da evolução das tecnologias, que vêm influenciando tanto nos meios de comunicação quanto de transporte. Ainda, é possível perceber que os objetos produzidos na atualidade, não possuem durabilidade, são produzidos no mercado para, em curto espaço de tempo serem substituídos por outros instrumentos mais modernos e sofisticados.

Em “Em perigo”, Leo Richter e Elisabeth são recebidos pela Sra. Rappenzilch em Berlim. Depois da

palestra, das saudações, dos aplausos e autógrafos, vê um cartaz de Ralf Tanner. Então ouviu falar do escândalo de o ator ter sido espancado por uma mulher, estando as cenas disponíveis no YouTube. Richter lembra que deve ir a Ásia Central no mês seguinte. Viaja para Munique e cancela a viagem para Ásia Central e sugere a escritora Maria Rubinstein para ir em seu lugar.

Em “Uma contribuição ao debate”, um blogueiro sente que precisa estar conectado a todo o momento. Em seu blog o *username* é molllwitt, nele posta críticas a textos, livros, figuras importantes, expõe o quanto adora Leo Richter e declara estar apaixonado pela personagem Lara Gaspard. Ele viaja representando a empresa em que trabalha e encontra Leo Richter, tenta conversar com ele, mas entristece ao perceber que jamais faria parte de uma de suas narrativas. Muitas palavras indicando aplicativos, sites de busca, venda e, mesmo, palavras e expressões em inglês são usadas pelo blogueiro, como: *Supermovies, Literature4you, boss, mega smile, power play, infos, IP, thetree.com, screen, desk, guestbook, start, busy, thoughts, Nicks, usernames, wireless, modem, life reality, movieforum, Amazon*. O blogueiro não é identificado, utiliza-se apenas de um usuário, o que permite que faça postagens livremente sobre seu ponto de vista.

Nas redes sociais participa de debates e faz postagens sobre os escritores Leo Richter, Auristos Blancos, sobre o ator Ralf Tanner. O blogueiro faria uma apresentação aos participantes e ao preparar os slides no hotel, fica sem internet e sente-se perdido:

Admito que estava um tanto zozno e alterado. Era muita coisa junta: a briga com a minha mãe e como eu pude ser tão estúpido e informar meu IP. E o medo pelo dia seguinte: o. k., um profissa como eu sabe muito bem fazer uma apresentação, mas estava sem internet havia nove horas e meia, e totalmente por fora do que estava rolando! [...] Mais alguns minutos no laptop. PowerPoint, difícil de mexer. Digitei um pouco, arrastei janelas para cá e para lá. Simplesmente não consegui. Bem, amanhã com certeza rodaria. (Kehlmann, 2011: 112).

Apesar de ter domínio sobre o que falaria no dia seguinte, prepara os slides, mas se preocupa pois os mesmos não estão rodando. Mesmo as facilidades, mobilidade e sofisticação desses recursos nem sempre garantem o bom desempenho no momento em que mais se precisa deles.

Em “Oriente” Maria Rubinstein, uma escritora em busca de maior sucesso, viaja para o oriente no lugar de Leo Richter em uma turnê de escritores. “Seus romances policiais vendiam bem, ela recebia muitas cartas de leitores. Ela amava o marido e o marido a amava. Sua vida estava em ordem. Ela tinha mesmo que se aventurar numa viagem daquelas” (Kehlmann, 2011: 74). Uma série de fatos a deixa desolada: esquecem-na num hotel vazio, não fala a língua do país, acaba a bateria do celular, não consegue comprar comida, por não ter feito o câmbio, recolhem sua carteira, retiram seu passaporte- pelo visto estar vencido- e não consegue retornar para casa.

Na narrativa “A saída”, o fato de Ralf não possuir o seu número de celular resulta em uma série de desencontros e desentendimentos, sua namorada e seus amigos se afastam e o personagem passa a se

sentir irreal. “No princípio do verão de seu trigésimo nono ano de vida, o ator Ralf Tanner começou a se sentir irreal” (Kehlmann, 2011: 61). Sua rotina, vida pessoal e profissional mudam.

O capítulo “Resposta à abadessa” trata de Miguel Auristos Blancos. Um escritor conhecido mundialmente por abordar em suas produções, temáticas de espiritualidade. “Miguel Auristos Blancos, o escritor venerado pela metade do planeta e indulgentemente desprezado pela outra metade, autor de livros sobre serenidade, beleza interior e a busca pelo sentido da vida” (Kehlmann, 2011: 93). Reside no Rio de Janeiro e dedica-se a escrita fervorosamente, tanto que nem percebe o sol se pôr.

Ele escreveu enquanto o sol deslizava no mar, lançava as últimas brasas na água e se extinguiu; escreveu enquanto o ar se enchia de escuridão como que de uma fina substância; escreveu enquanto as luzes ao fundo brilhavam com as montanhas; e, quando ergueu os olhos, com a camisa molhada e o bigode perolado de suor, já era noite. (Kehlmann, 2011: 99).

O escritor tem ideias ateístas e publicou seu ponto de vista sobre as crenças, causando polêmica entre seus leitores e admiradores. Ele pensa em como responder a carta da senhora Ângela João, abadessa do convento de irmãs carmelitas da Divina Providência. Isso traz conflito a ele, pois quer ser reconhecido por suas ideias e não ser criticado e julgado.

A última história é “Em perigo”, o título se repete ao da segunda narrativa, tratando novamente de Elisabeth e Leo Richter, desta vez estão no avião indo para a África. Elisabeth está em uma atividade de “Médico sem Fronteiras”. Nesse lugar veem destruição e perigo, pois há confrontos. Durante o voo Leo demonstra temor, o suor e aperto da mão de Elisabeth evidenciam a insegurança e o medo de que algo possa acontecer durante o voo; qualquer falha no sistema ou erro de operação da aeronave resultaria na queda. Há também certa ansiedade por estar indo a um lugar desconhecido, cercado de perigos; não sabe quem encontrará, como é o contexto e como deve agir ao chegar no local. É nesse momento que Leo Richter faz novamente um jogo com as palavras e a literatura, fazendo com que sua companheira fique em dúvidas sobre o que seria realidade e o que seria ficção.

› ***Maria Rubinstein: uma romancista entre o anonimato e o sucesso***

A primeira vez que a personagem é mencionada no romance ocorre no segundo capítulo: “Em perigo”. Nesse, Leo Richter sugere que a romancista viaje em seu lugar em um encontro de escritores que aconteceria no Oriente Médio.

“Não aguento mais”, disse Leo. “Você sabe quantas vezes me perguntaram hoje de onde eu tiro minhas ideias? Catorze vezes. E nove vezes se eu trabalho de manhã ou de tarde. E oito vezes vieram me contar em que viagem leram alguma coisa minha. A comida também estava horrível. O mês que vem tenho outra viagem, para a Ásia Central. Não aguento mais. Desisto.”

“Para onde é a viagem?”

“Turcomenistão, acho. Ou Uzbequistão. Quem é que consegue gravar esses nomes! Uma turnê de escritores. [...] Ele sugeriu que chamassem uma pessoas, por exemplo, Maria Rubinstein. (Kehlmann, 2011: 33-34)

Então, no capítulo “Oriente”, há a descrição do lugar em que Maria Rubinstein está, bem como suas ações. O capítulo inicia com as primeiras impressões da personagem em relação ao país em que estava: Turcomenistão, uma país pouco conhecido em que falam Turcomeno. Após um dia de atividades, ela descansa no hotel, mas no dia seguinte não vê ninguém neste lugar, o edifício está vazio.

Como ela poderia saber que iria fazer calor ali? Em sua fantasia, ela vira imagens de estepes cobertas de branco, fustigadas por um vento gélido, a neve rodopiando, nômades diante de suas tendas, iaques e fogueiras noturnas sob um magnífico céu estrelado. Na realidade, porém, o lugar cheirava a canteiro de obras, os automóveis buzonavam e o sol ardia. Uma mosca ziunia ao redor de sua cabeça. Não havia caixa automático em lugar algum. No dia anterior, em seu banco, a caixa rira: eles não trabalhavam com aquela moeda, ela deveria tentar trocar no país (Kehlmann, 2011: 73),

A personagem, como estrangeira em um país que pouco conhecia, sente-se desamparada, insegura, incapaz de qualquer atitude que pudesse reverter sua situação. Uma série de fatos deixa Maria Rubinstein desolada: esquecem-na num hotel vazio, ela não fala a língua do país, termina a bateria do celular, não consegue comprar comida por não ter feito o câmbio, recolhem sua carteira, retiram seu passaporte- pelo visto estar vencido- e não consegue retornar para casa.

Depois de uma hora de busca, ela se convenceu de que o edifício estava realmente vazio [...] O calor estava pior do que no dia anterior. Logo suas roupas estavam grudadas no corpo, o suor escorria pelo seu rosto, e ela estava tão debilitada pela fome que mal conseguia carregar sua sacola[...] se deu conta de que não tinha dinheiro do país, apenas euros[...] Os homens lançavam olhares maliciosos, crianças apontavam para ela, exclamavam alguma coisa e então eram puxadas por suas mães. (Kehlmann, 2011: 84).

Assusta-se ao ver seu reflexo em uma parece de vidro, pois em pouco tempo, sua face e seu corpo revelavam o que se passava em sua mente e em seu coração: “Seus cabelos já estavam grudentos de suor. Ela examinou seu reflexo na suja parede de vidro do terminal; uma mulher baixinha e gorducha, de quarenta e poucos anos, que parecia exausta” (Kehlmann, 2011: 74).

Essa era para ter sido uma viagem interessante, inspiradora, em que Rubinstein poderia divulgar seus romances para o mundo e ser melhor reconhecida em seu próprio país. No entanto, houve um deslocamento, uma viagem sem volta, uma estadia permanente.

Ottmar Ette trata das relações entre as viagens e a ficção, podendo o romance ser constituído por diário, material gráfico e cartográfico, ensaio filosófico, autobiografia, estudo do campo etnográfico, entre outros. Assim, os relatos de viagem e o romance podem ser vistos como detentores de “multiplicidade de discursos”. O exemplo da personagem na ficção revela a “multiplicidade de discursos” que envolveram não somente os relatos e ficções que poderiam ter sido escritas com o retorno da viagem, mas também as descrições de paisagens, das relações humanas, dos aspectos culturais e das experiências vividas. Como

reforça Ette: “Não só o relato de viagens, mas também, a própria viagem se converte em um diálogo contínuo com outros relatos de viagens. Também seus resultados, experiências e, às vezes, seus personagens e figuras são postos em movimento e se preenchem de nova vida” (Ette, 2008: 54).

Tal deslocamento fez com que a Maria Rubinstein se distanciasse de tudo o que era: mãe, esposa, escritora em seu país, e de onde estava; de seu próprio lar, teve que tentar adaptar-se a nova condição, viver sem comodidades, desprovida de documentação que comprovasse sua identidade e nacionalidade. Era como se não se reconhecesse mais.

Paul Ricoeur, em *Percurso do reconhecimento*, apresenta concepções acerca do termo RECONHECER. 1. Refere-se a colocar novamente na mente algo ou alguém que se conhece; 2. Conhecer por algum sinal, alguma marca, por indicação de alguém ou algo não visto antes, assim remete-se a ideia de reconhecer por meio de disto ou daquilo, “fazer-se reconhecer, provar quem se é por meio de indicações certas” (Ricoeur, 2006: 17) 3. Conhecer, descobrir a verdade de algo, perceber-se por meio de indícios. 4. Reconhecer com a negação, não ter mais em consideração e assim delinea mais doze significações.

A partir dessas concepções acentua-se que para esta investigação o cerne das reflexões está na segunda abordagem, “o reconhecer como, conhecer e fazer-se reconhecer por meio de indicações”. Não foi o acaso que levou Leo Richter a sugerir a escritora para um evento importante. Ele reconhecia sua competência, interesse e comprometimento. Ela, da mesma forma, sentiu-se lisonjeada com a oferta, vendo nessa, uma oportunidade de maior reconhecimento, queria que os outros conhecessem seu trabalho e a vissem como escritora realmente importante naquele momento.

Por fim, Ricoeur categoriza o reconhecimento também como concepções lexicográficas reduzindo-as a três:

- I. Apreender (um objeto) pela mente, pelo pensamento, ligando entre si imagens, percepções que se referem a ele; distinguir, identificar, conhecer por meio da memória, pelo julgamento ou pela ação;
- II. Aceitar, considerar verdadeiro (ou como tal);
- III. Demonstrar por meio de gratidão que se está em dívida com alguém (sobre alguma coisa, uma ação);

A personagem Maria Rubinstein é uma escritora de romances policiais, vende bem seus livros, mas não é uma escritora de sucesso. Sua fama sucedeu-se com o seu desaparecimento- o que resultou inclusive no prêmio *Rommer* - mas com premiado ausente. Considera-se então a primeira concepção lexicográfica

citada por Ricouer: “conhecer por meio da memória, pelo julgamento ou pela ação”. A oportunidade de Rubinstein em viajar para o Oriente no lugar do famoso escritor Leo Richter, deixa a mesma muito feliz, empolgada e com esperança de ficar mais conhecida mundialmente. Ela consegue isso, mas não tem conhecimento de ter sido reconhecida e até mesmo ter sido premiada, pois não consegue retornar a Europa.

Na sociedade que vivemos atualmente essa forma de reconhecimento ocorre principalmente através das mídias e publicidade, em que a exposição e a autopromoção são evidenciadas, o que ocorreu com os personagens escritores do romance Leo Richter e Miguel Auristos Blancos.

Para Byung Chul Hal, na sociedade contemporânea, a simples existência passa a ser algo insignificante, assim aponta que é necessário expor-se para ser. Para ele “Tudo o que repousa ou se demora em si mesmo deixa de ter qualquer valor. Só quando são vistas as coisas assumem um valor” (2012: 21). Ainda, reforça que cada sujeito, na sociedade exposta, se torna o seu próprio objeto de publicidade. (2012: 24).

O foco hegeliano *Anerkennung*, datando da *Realphilosophie* de Hegel em Iena, está na luta pelo reconhecimento e as exigências do reconhecimento. Ricouer acentua então a posição do verbo na enunciação, “na voz ativa- reconhecer algo, pessoas, objetos, a si mesmo, um ao outro, um outro e na voz passiva- ser reconhecido, pedir para ser reconhecido. Assim sendo, como o centro do estudo é a escritora Maria Rubenstein e ao ter conhecido sua trajetória dentro do romance, observa-se que o que está em voga é o uso da voz passiva- ser reconhecida.

A solicitação de reconhecimento expressa uma expectativa que pode ser satisfeita somente enquanto reconhecimento mútuo, que este permaneça como um sonho inacessível, que ele requeira procedimentos e instituições que elevem o reconhecimento ao plano político. (Honneth, 2009: 28) [...] Longo é o caminhar para o homem que “age” e “sofre” até o reconhecimento daquilo que ele é em verdade, um homem “capaz” de certas realizações. Esse reconhecimento de si ainda requer, em cada etapa, a ajuda de outrem, quando falta esse reconhecimento mútuo, plenamente recíproca, que fará de cada um dos parceiros um ser-desconhecido. (Honneth, 2009: 85) [...] “Ser reconhecido, se isso alguma vez ocorre, seria para cada pessoa receber a garantia plena de sua identidade graças ao reconhecimento por outrem de seu império de capacidades (Honneth, 2009: 262)

Honneth sublinha que a esfera do “ser-reconhecido” se forma pela via de uma acumulação dos resultados de todos os processos de formação individual tomados conjuntamente, ele aponta que Hegel trata da luta por reconhecimento, como uma força produtiva, transformadora: “a luta por reconhecimento não somente contribui como elemento constitutivo de todo processo de formação para a reprodução do elemento espiritual da sociedade civil como influi também de forma inovadora sobre a configuração interna dela” (Honneth, 2009: 95). Neste sentido, a busca das pessoas pelo reconhecimento, de certa forma, impulsiona a vida e os avanços na sociedade. Como escritora, Maria Rubenstein buscou seu reconhecimento, mas nesse processo contribuiu com a sociedade a partir de suas produções literárias, bem como serviu de inspiração.

Alex Honneth em *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais* aborda três teses: 1- tese segunda a qual a formação do Eu prático está ligada à pressuposição do reconhecimento recíproco entre dois sujeitos: quando dois indivíduos se veem confirmados em sua autonomia, podem chegar a uma compreensão de si mesmos como um Eu autonomamente agente e individuado. 2- a segunda parte das premissas da teoria da intersubjetividade, a existência de formas diversas de reconhecimento recíproco e se distinguem pelo grau de autonomia possibilitada pelo sujeito em cada caso, como, uma série de três relações de reconhecimento com o amor, o direito e a eticidade; 3: a terceira tese trata de uma série de três formas de reconhecimento e etapas de uma luta moral: no curso da formação de sua identidade em que há, em cada etapa o sujeito de certo modo entra num conflito intersubjetivo, o resultado é, então o reconhecimento de sua pretensão de autonomia (p.122).

O deslocamento da personagem influenciou consideravelmente na sua luta moral, tudo o que já tinha construído em vida e sua carreira teriam sido desfeitos em questão de dias. As relações de amor, direito e eticidade construídas por anos, já não se encontravam mais sólidas. O sujeito da autorrealização que está sem reconhecimento, partilha da concepção de Hegel de eticidade, pelo fato de “nomear uma relação de reconhecimento recíproco na qual todo sujeito pode saber-se confirmado como uma pessoa que se distingue de todas as outras por propriedades ou capacidades particulares”. (Honneth, 2009:149) Maria Rubinstein tenta um maior reconhecimento, mas entra em conflito intersubjetivo, entre e para com outros sujeitos, isso resultou em conflitos com ela mesma, por não mais se reconhecer.

› **Considerações Finais**

Deste modo, a investigação acerca do reconhecimento através do deslocamento da personagem Maria Rubinstein aponta a efemeridade do sucesso e do anonimato. Neste caso, o sucesso ocorreu de modo inusitado, pois o acaso resultou no reconhecimento nas relações profissionais, no entanto, sem conhecimento da parte interessada. A personagem, conforme Ette descreve, foi posta em movimento e se preencheu de nova vida, neste caso, uma nova vida não planejada e nem esperada.

As concepções de Honneth de que: “ser-reconhecido” se forma pela via de uma acumulação dos resultados de todos os processos de formação individual” e de Ricoeur de: “fazer-se reconhecer, provar quem se é por meio de indicações certas” , “identificar, conhecer por meio da memória, pelo julgamento ou pela ação e de que o reconhecimento por outrem ocorre a partir de seu império de capacidades”; se deu em partes no caso de Rubinstein. Isso pois, apesar de escrever romances policiais, não sentia que era conhecida o suficiente. Mesmo tendo suas capacidades, provando que era boa escritora e sendo uma excelente profissional, isso não bastava para que fosse reconhecida da forma como almejava. O

reconhecimento se deu de forma diferenciada, o reconhecimento por outrem se deu na ausência e não na presença, no julgamento de uma ação não exatamente ligada ao império de capacidades e sim, no espetáculo no seu desaparecimento.

Bibliografia

- Ette, O. (2009). Hacia una poética del movimiento: literaturas sin residencia fija. In: *Afinidades. Granada*: no. 2, Outono, p. 85-96.
- Han Chul, B. (2012). *A sociedade da transparência*. Trad. Miguel Serras Pereira. Relógio D'água.
- Honneth, A. (2009) Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. 2ª Ed. Trad. Luiz Repa. São Paulo: Editora 34.
- Kehlmann, D. (2011). *Fama: um romance em nove histórias*. Trad. Sonali Bertuol. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ricoeur, P. (2006). *Percurso do reconhecimento*. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola.